

PER CURIOSITÀ

O título que o conhecido romanista italiano Cesare Segre, medievalista e especialista da crítica textual, escolheu para a sua «autobiografia» de scholar (Per curiosità. Una specie di autobiografia) surgiu-me quando chegou o momento de escrever algumas linhas no início deste volume de Línguas e Literaturas editado em homenagem ao Doutor José Adriano Moreira de Freitas Carvalho.

A evocação nasceu estimulada pelas memórias desse estudioso, investigador e universitário, que conheceu Pedro Salinas e Jorge Guillén, poetas de uma hispanidade que Adriano de Carvalho igualmente tão bem conhece e ama, na sua tradição românica, convocando (e provocando) um tempo cultural escondido pela neblina do mito (pior do que isso, das ideias feitas...), oferecido pelos textos e pelos livros, por quem os escrevia, por quem os lia e os colecionava (e conceda-se-me aqui o testemunho sobre o fascínio que Hans Robert Jauss provocou em Adriano de Carvalho, em tempos salmantinos, através da versão dactilografada de Hans Ulrich Gumbrecht, que depois viria a difundir-se na Universidade portuguesa).

Persistências e combates (Lucien Febvre...) pela (e na) história cultural e da espiritualidade como cultura numa longa duração braudeliana, vezes já pouquíssimo ouvidas que me lembram o v. 13 da «Égloga III» de Garcilaso, onde Pedro Salinas foi encontrar o título do seu poema de 1933 La voz a ti debida. Deste poeta-intérprete de Jorge Manrique, voz indisputável dessa hispanidad que Adriano de Carvalho tanto estimulou nesta Faculdade, não resisto a copiar, com algum registo críptico, os versos seguintes de Razón de amor:

¡Qué gozo, que no sean
nunca iguales las cosas
que son las mismas! ¡Toda,
toda la vida es única!

E Jorge Guillén, outro poeta da moderna hispanidade, na sua «Homenaje» ao mesmo Pedro Salinas, haveria de escrever estoutros versos:

Una curiosidad inextinguible
Se aplica a más lugares, gentes, obras.
¿Para saber? Para entender gozando
De círculos concéntricos de vida
Con pormenores que descubren fondos.
Y los escaparates por las calles
Ofrecen mundos, y las bibliotecas
—¡Aquella biblioteca de Coimbra!—
Son montones de espíritus que aguardan.

Não só poesia; também livros. Em 1818, o grande impressor italiano Giambattista Bodoni, que trabalhou para os Duques de Parma, amante dos belos livros nascidos das belas impressões, escrevia no seu Manuale tipográfico que nas edições esplêndidas, tudo deve ser grandioso, e, nas elegantes, tudo deve contribuir para o maior equilíbrio, com economia de meios, embora sem mesquinhez (conforme traduziu recentemente uma nossa Colega da Universidade de Coimbra). O gosto de Adriano de Carvalho pelas «belas impressões» é bem conhecido, mas já é certamente menos conhecido que foi num fim de tarde de 1984, no piso superior de um autocarro numa rua do centro do Porto, que ambos assentámos em que o título da série da Revista da Faculdade de Letras (Porto) dedicada às Línguas e Literaturas Modernas seria precisamente este: Línguas e Literaturas.

A Revista cresceu, acolheu, como sua primordial função, os mais diversos textos dos Docentes de L.L.M. com uma regularidade que seria falsa modéstia não sublinhar neste momento, agregou a si uma série de «Anexos», na sua enorme maioria com estudos resultantes de iniciativas científicas dinamizadas pelo Doutor Adriano de Carvalho. Por isso, também, este número lhe é oferecido. Ainda «por curiosidade», trago à memória três linhas de Paul Claudel, em verso:

Il pleut beaucoup, pas assez
Pour le coeur coupable, harassé,
Qui pense aux choses passées.

Jorge Osório.